

MEDICAMENTOS DA ALQUIMIA
ESPAGÍRICA BASEADOS NA
DESTILAÇÃO DE PRODUTOS
E EXCREÇÕES HUMANAS NA
OBRA DE JOHN FRENCH
(1616-1657)



Argus Vasconcelos de Almeida

Argus Vasconcelos de Almeida
Professor Associado do Departamento de Biologia da UFRPE
argus@db.ufrpe.br

Ficha Catalográfica

A447m Almeida, Argus Vasconcelos de
Medicamentos da alquimia espagírica baseados na
destilação de produtos e excreções humanas na obra de
John French (1616-1657) / Argus Vasconcelos de Almeida. –
Recife : EDUFRPE, 2013.
31 f. : il.

Inclui referências.

1. Alquimia 2. Química - História 3. Medicamentos

I. Título

CDD 610.9

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade eram usadas as propriedades de cura de três secreções do organismo humano: a saliva, o excremento e a urina. O uso da saliva era a mais popular. Desde a narrativa do evangelho sobre como Jesus recuperou a visão de um cego (João 9, Marcos 8) aplicando saliva nos olhos do homem (GARDNER, 2002; ALMEIDA, 2012).

Na obra *De materia medica* do autor greco-romano Pedânio Dioscórides Anarzabeo (40-90 d.C.), para o autor o leite de mulher é muito doce e alimenta mais que os outros; mamado das tetas é muito útil nos problemas estomacais e na tísica; misturado com pó de incenso e pingado nos olhos que sofreram de hemorragia; misturados com mecônio e ceroto é útil contra a gota. O sangue menstrual de mulher untado no ventre torna-as estéreis; o mesmo aplicado alivia as dores da gota e do mal de Santo Antônio. As fezes do homem, frescas aplicadas como cataplasma impede a inflamação e fecham as feridas abertas; seco e misturado com mel é muito útil contra amigdalites. A urina de homem bebida é um antídoto contra picadas de víbora, contra os venenos mortíferos e contra o início da hidropisia. Aplicada com panos quentes na fomentação contra a picada de ouriços, escorpiões e dragões marinhos. Beber a urina de adolescentes imberbes é útil aos asmáticos. Cozida com mel em vaso de cobre limpa as cicatrizes de feridas, as manchas da visão, serve para soldar os ossos quebrados. A urina friccionada sobre a pele alivia a erisipela e o fogo de Santo Antonio (DIOSCORIDES, 2000).

A terapêutica médica renascentista européia adotava intensamente os produtos excrementais e humorais, como “sangue de moços”; detritos orgânicos, como pó de múmias ou de crânios humanos (DELAUNAY, 1959; ALMEIDA, 2012).

De acordo com Duarte (1956), a coproterapia vem das eras faraônicas, como o emprego de fezes. Encontram-se prescrições dessa natureza em Plínio, Dioscórides, Galeno, Aécio, Tralianus e Paulo de Egina.

A farmácia dos excrementos e do corpo humano era característica constante de diversas culturas, mesmo ocidentais. Assim, os produtos cadavéricos, incluindo as múmias, óleo de sangue, musgo de crânio, líquen dos ossos, eram vendidos por altos preços e empregados como medicamento pelas camadas superiores da sociedade renascentista (ALMEIDA, 2007; ALMEIDA, 2012).

Espagíria é uma síntese de dois verbos gregos *spau* e *agereum*, coagular e dissolver, que é o axioma básico da alquimia. A Paracelso (1493-1541) não se deve somente a denominação e o conceito da arte espagírica, mas também a introdução desta na Europa e da sua saída dos mosteiros e palácios para os laboratórios¹.



Figura 1: Paracelso.

1 O termo laboratório deriva da expressão latina “*ora et labora*” relacionada às práticas alquímicas.

Todos os autores modernos afirmam que a espagíria deve ser compreendida como sinônimo de alquimia. Suas raízes etimológicas são dois conceitos ou operações fundamentais da química: a análise e a síntese. No pensamento de Paracelso a ideia primária tinha um sentido ainda mais elevado, pois significa a arte de separar nos corpos os fermentos puríssimos da sua essência, os únicos que deveriam ser empregados na medicina, excluindo-se, portanto, a massa envolvente, inativa ou inclusive prejudicial. Alguns outros alquimistas empregaram para isto os termos “dissolver” e “coagular”. Mas de uma ou outra maneira, deve-se a Paracelso a noção do conceito de “princípio ativo”, que hoje é usado na farmacologia (LLUESMA URANGA, 1945, p.102).

A espagíria então pode ser compreendida como a alquimia dos elixires destinada a obtenção de um fármaco perfeito, mediante práticas alquimistas. Embora que predominantemente o processo envolvesse fermentações, destilações e extrações de componentes minerais de madeiras e plantas, também foi usada para produtos de origem animal, inclusive do próprio homem.

A conexão entre as ideias alquímicas e terapêuticas foi gerada em meados do século XIV, num ambiente concreto, entre médicos e irmãos espirituais na Catalunha e no sul da França, personificadas na obra *De consideratione quintae essentiae* (ca. 1351) do frade franciscano e alquimista francês Johannes de Rupescissa (Jean de Roquetaillade), que apresenta a conjunção de ambas as abordagens e supõe um nexo firme na alquimia ocidental, o ponto de partida no uso da destilação em farmacologia. Rupescissa exalta a qualidade do produto da destilação do vinho, identificando-o como o elixir ou quintaessência, que tornava incorruptível a tudo aquilo com o que entrava em contato. Começa assim a prática que se estendeu aos séculos XVI e XVII: fixar as propriedades das substâncias medicinais mediante a destilação

para a obtenção de fármacos capazes de curar todas as enfermidades humanas (REY BUENO; ALEGRE PÉREZ, 2001).

A obra do médico inglês John French (1616-1657) *The art of distillation* (1651), cujo longo título é:

A arte da destilação. Ou, um tratado das mais escolhidas preparações espagíricas executadas por via da destilação, sendo parcialmente retirado dos autores químicos mais seletos e de diversas linguagens e em parte da experiência pessoal do Autor, bem como, da descrição dos fornos e vasos utilizados pelos químicos antigos e modernos e também um discurso em diversos experimentos espagírico e curiosidades, e da anatomia do ouro e da prata, com as principais preparações e curiosidades do mesmo, e virtudes de todos eles. Tudo está contido em seis livros compostos por John French, médico de Londres. Impresso por Richard Cotes e vendidos por Thomas Williams na Bíblia em Little-Grã-Bretanha, Aldersgate, 1651.



Figura 2: Frontispício da obra de John French (1651).

A obra pode ser considerada como uma aplicação experimental da espagíria ocidental iniciada no século XIV, cujo Livro IV aborda os produtos animais.

MEDICAMENTOS DESTILADOS DE PRODUTOS E EXCREÇÕES HUMANAS SEGUNDO JOHN FRENCH (1651)

1 COMO FAZER O MAGISTÉRIO² DE SANGUE

Tire do mais puro sangue, tanto quanto você queira. Coloque-o em um pelicano³ (figura 3) de modo que três partes de quatro pode ser vazio, e depois digeri-lo um mês no esterco de cavalo (com o tempo vai avolumar-se e se tornar mais do que foi quando foi colocado dentro). Em seguida, destilar o muco em um *balneum*⁴ (figura 4) e na parte inferior permanecerá o magistério de sangue que deve ser destilado e redestilado nove vezes numa retorta em cinzas, e em seguida, é aperfeiçoado. Este é o magistério de excelente virtude que, interiormente ou exteriormente aplicado cura a dor e a maioria das doenças, sendo muito balsâmico.

2 Composição química a que se atribuíam propriedades maravilhosas.

3 Pelicano era um vaso onde os materiais a serem destilados eram colocados e permaneciam por algum tempo, submetidos a aquecimento brando. Dessa forma, partes voláteis do material sofriam sucessivas evaporações e condensações; daí essa operação receber o nome de “circulação” (Beltrán, 2000).

4 “Balneum Mariae”, “Banho Maria” aparato usado para aquecer lenta e uniformemente qualquer substância líquida ou sólida num recipiente, submergindo-o noutro, onde existe água a ferver ou quase. O processo recebe o nome em honra à famosa alquimista, Maria, a Judia, a quem atribui-se a invenção do processo. Maria, a Judia ou Maria, a Profetisa, é uma antiga filósofa grega e famosa alquimista que viveu no Egito por volta do ano 273 a.C.

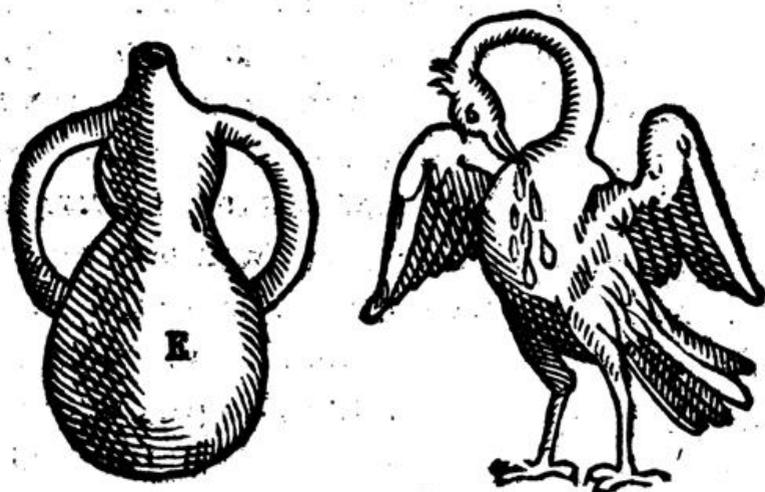


Figura 3: Vaso pelicano de Della Porta (PORTAE, 1608).



Figura 4: "Balneum Mariae" (Banho-Maria) de J. French

2 O ELIXIR DE MÚMIA É FEITO ASSIM

Tire da múmia (carne endurecida de cadáver humano), e corte pequenos pedaços de quatro onças⁵, no espírito de vinho terebintinado dez onças, coloque-os em um recipiente de vidro (três partes de quatro sendo vazio) no esterco de cavalo para digerir em um mês. Em seguida, tire-os e expresse-os⁶, e deixe-os em repouso por um mês. Então filtrá-los por meio de “*Manica Hippocratis*”⁷ (figura 5) e depois evaporar o espírito que se mantém no fundo como um óleo que é o verdadeiro elixir da múmia. Este elixir é um conservante maravilhoso contra todas as infecções, e também muito balsâmico.

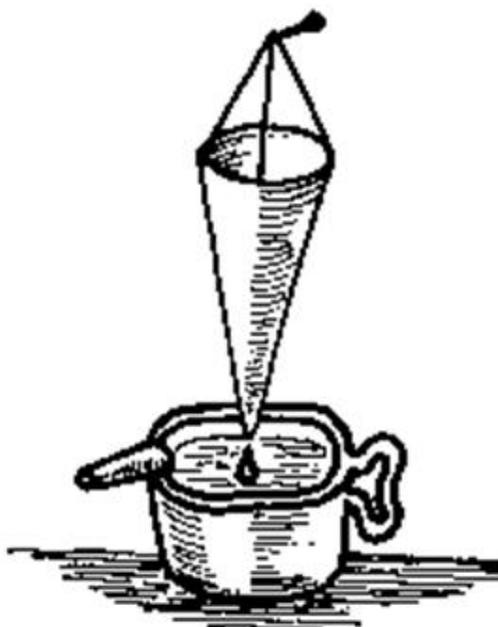


Figura 5: Manica Hippocratis

5 Uma onça é igual a 28,349523125 gramas.

6 Isto é, comprimi-lo ou espreme-lo.

7 Saco de forma piramidal para filtrar líquidos.

3 A ESSÊNCIA DO CÉREBRO HUMANO

Tome o cérebro de um jovem que teve uma morte violenta, junto com as membranas, artérias, veias, nervos, medula, e em um almofariz de pedra e amasse-os até que se torne uma espécie de papa. Em seguida, coloque o máximo de espírito de vinho, que irá abranger três ou quatro dedos de volume. Em seguida, coloque-o em um vidro grande para que três partes de quatro devem estar vazias, sendo hermeticamente fechado. Então digerir metade de um ano no esterco de cavalo. Em seguida, retirar e destilar em banho-maria (figura 4) e redestilar até a maior parte do cérebro ser removido por destilação. Um escrópulo⁸ ou dois desta essência em água específica tomado uma vez por dia é um medicamento infalível contra a epilepsia.

4 UM FAMOSO ESPÍRITO FEITO DE CRÂNIO HUMANO

Tome um crânio humano e corte-o em pequenos pedaços, coloque-os em um vidro. Em seguida, coloque-os num fogo forte esquentando até não sair mais fumaça, em seguida deve surgir um espírito amarelado, um óleo vermelho e um sal volátil. Tomar este sal e o espírito amarelo, e digerir por dois ou três meses numa tina de circulação, e deve-se obter um espírito excelente. Este espírito é de afinidade com, se não for o mesmo, com o famoso espírito do Dr. Goddards em Holborne. Ele ajuda na cura da epilepsia, gota, hidropisia, problemas no estômago, e na verdade fortalece todas as partes fracas, e abre todas as obstruções, é uma espécie de panacéia.

5 UM EXCELENTE COMPOSTO DE ÁGUA DE LEITE PARA QUALQUER INFLAMAÇÃO NOS OLHOS

Tome de leite da mulher um “*pint*”⁹, uma libra de sulfato ferro-

⁸ Igual a 1,1838776776 ml.

⁹ 568.26125 ml

so branco, coloque-os para destilar em cinzas. Assim que perceber qualquer substância volátil sair, então cessar a operação. Os olhos inflamados devem ser lavados três ou quatro vezes por um dia com esta água, e ajuda maravilhosamente.

6 O ESPÍRITO DE URINA É FEITO ASSIM

Tome da urina de um jovem que bebeu muito vinho. Deixe-a descansar em recipiente de vidro em putrefação por 40 dias. Em seguida, a partir de seu resto, colocá-la, para destilar em um vidro em forma de cabaça na areia até que tudo esteja seco. Então redestilar o espírito na cabeça do alambique (figura 6) por três vezes. Em seguida, destilar em uma cabaça de pescoço longo (figura 7) para fazer subir, além do espírito, vai ser obtido um sal cristalino que você pode ou manter por si só, sendo chamado de sal volátil de urina, ou misturá-lo com o seu espírito, que assim se tornou muito penetrante para ser digerido por alguns dias juntos. Note-se que o tubo da cabeça deve ser longo, ou então o sal volátil em breve vai ser retido. Note-se que este sal é tão penetrante que impregna o corpo do recipiente. Este espírito de retificação pode ser feito de forma pura e sutil que vai queimar como o fogo dissolve o ouro e pedras preciosas. Este é muitas vezes aplicado em qualquer parte dolorida como causado pela gota. Ele também acelera qualquer parte que está entorpecida. O sal volátil é famoso medicamento de Helmont¹⁰ para a icterícia.

7 UM ESPÍRITO COMPOSTO DE URINA

Tome uma libra de vitríolo húngaro, e da urina de um menino saudável quatro libras. Coloque-os em um recipiente de vidro bem fechado, de modo que três partes de quatro deve estar vazio. Digerí-

10 Johannes Baptista van Helmont. (1579-1644), médico e químico paracelsista flamengo, autor de diversas obras clássicas nas áreas de fisiologia e medicina.

-los em banho-maria pelo tempo de um mês e, em seguida, destilá-los em cinzas até que tudo fique seco. Este espírito é de grande virtude contra a epilepsia, gota, hidropisia, convulsões, sendo tomado em metade de uma onça em algum líquido especifica.

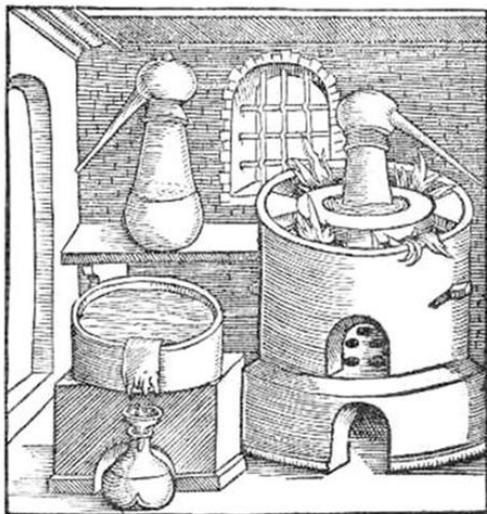


Figura 6: o alambique no processo de destilação de J. French

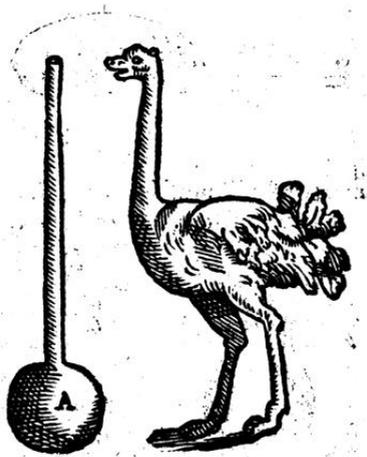


Figura 7: Vaso de pescoço longo de Della Porta (PORTAE, 1608).

8 O FAMOSO ARCANO¹¹ OU MEDICAMENTO RESTAURADOR DE PARACELSO CHAMADO POR ELE DE HOMÚNCULO

Primeiro teremos que entender que existem três significados do termo “homunculus” em Paracelso, que são os seguintes:

1. O homúnculo como uma imagem supersticiosa feita em lugar, ou em nome de qualquer um, que pode conter um homem astral e invisível, portanto feito para um uso supersticioso.

2. O homúnculo tomado como um homem artificial, feito de esperma masculino de digerido na forma de um homem, e então nutrido e aumentado com a essência do sangue de homem; isto não é repugnante na possibilidade de natureza e arte. Mas é considerado uma das maiores maravilhas de Deus que sofreu para o homem mortal saber. Eu não vou aqui me pronunciar sobre todo o processo, porque eu acho impróprio para ser feito, ou pelo menos, ser divulgado. Além de nem ser este o meu presente propósito.

3. O homúnculo feito para ser um arcano ou um medicamento excelente obtido pela arte espagírica dos melhores autores na linha natural, é de acordo com esta acepção eu falarei aqui.

Mas antes de apresentar este processo, vou dar uma explicação porque este medicamento é chamado de homúnculo. Nenhum homem sábio negará que o principal fator que mantém a vida é a nutrição, e que os alimentos mais importantes são o pão e o vinho, ordenados por Deus acima de todas as coisas na natureza. Além disso, Paracelso preferiu na geração do sangue e do espírito do seu homúnculo o uso de esperma. Agora, por uma alusão adequada o alimento é levado para a vida do homem e, especialmente, porque se transmuta em vida. E novamente a vida é tirada para o homem, mas a menos

11 Do latim “arcanus” que significa misterioso, enigmático. Na alquimia, arcano é um medicamento misterioso acessível somente aos seguidores desta prática.

que um homem estiver vivo, ele não é um homem, mas a carcaça de um homem, e sua parte mais vil não pode perfeitamente ser considerada como o homem todo, como pode a sua parte mais nobre. Na medida, portanto, como o alimento da vida pode ser chamado de vida do homem, e a vida do homem ser chamado de homem, este alimento extraído do pão e do vinho, e sendo por digestão¹² exaltada à mais alta pureza de uma substância nutritiva e, conseqüentemente, tornando-se a vida do homem, sendo assim potencialmente ou metaforicamente chamado homúnculo.

O processo estabelecido alegoricamente é assim: escolher uma certa quantidade do melhor trigo e vinho e fechá-los hermeticamente num vidro. Deixá-los então entrar em putrefação em esterco de cavalo¹³ durante três dias ou até que o trigo começar a germinar ou a brotar, que deve ser levado e machucado em um almofariz e ser pressionado através de um pano de linho. Aparecerá então um suco branco como leite. Você deve lançar fora os restos. Deixe este suco em um copo cujo volume não deverá estar acima de metade. Colocá-lo nas fezes de cavalo por um tempo de cinquenta dias.

Se o calor para temperar não exceder o calor natural do homem, a matéria estará transformada em sangue e carne espagírica, como num embrião. Esta é o principal aspecto e próximo do qual é gerado o esperma duas vezes, isto é, do pai e da mãe que geram o homúnculo, sem o qual não pode ser feita nenhuma geração, seja humano ou animal.

Do sangue e da carne deste embrião deixar a água ser separada numa tina, e o ar nas cinzas, e que ambos sejam mantidos por si mesmos. Em seguida, para os resíduos da última destilação, deixar a água da destilação anterior ser adicionada, tanto que deve (o vidro

12 Os alquimistas davam esse nome a todos os processos que envolvem o movimento e a transformação da matéria.

13 O esterco de cavalo era usado pelos alquimistas para aquecer moderadamente a matéria.

deve estar perto) putrefazer em banho-maria pelo tempo de 10 dias. Depois disto, destilar a água uma segunda vez (no fogo) em brasas. Em seguida, destilar esta água em banho-maria suave, e manter no fogo em brasas. Mantenha ambos separados. E assim, você tem os quatro elementos separados do caos do embrião. A terra feculenta¹⁴ é para ser reverberada¹⁵ em um vaso fechado pelo tempo de quatro dias.

Neste ínterim, destilar a quarta parte da primeira destilação em banho-maria e moldá-la separada. As outras três partes se destilam em brasas e são vertidas na terra reverberada, e se destilam em fogo forte. Redestilar quatro vezes, e assim será obtida uma água muito clara que deve ser mantida por si. Em seguida despeje o ar na mesma terra e o destile em um fogo forte. Obter-se-á uma água clara, esplêndida, odorífera, que deve ser mantida em separado. Após isso, primeiro despeje o fogo sobre a água e deixar em putrefação em banho-maria pelo tempo de três dias. Então colocá-la numa retorta e destillar na areia e virá uma prova de fogo da água. Deixe esta água ser destilada em banho-maria. O que foi destilado fora, manter por si só, como também, o que permanece na parte inferior, que é o fogo e mantê-lo por si só. Esta última água destilada derramar novamente sobre sua terra e deixá-los ser macerados juntos em banho-maria pelo o tempo de três dias. Então deixe toda a água ser destilada na areia e deixe-a que vai surgir separados em banho-maria, e o resíduo remanescente no fundo ser reservado com o antigo resíduo. Deixe a água novamente ser derramada sobre a terra, ser abstraída e separada, como antes, até que nada permaneça no fundo que não é separado pelo banho-maria. Isto sendo feito, deixe a água que foi últimamente separada ser misturada com os resíduos de seu fogo e ser macerada em banho-maria por três ou quatro dias, e tudo ser desti-

14 Que contém fécula ou sedimento.

15 Aquecer refletindo.

lado em banho-maria que pode subir com esse calor. Deixe o que resta ser destilado nas cinzas do fogo, e o que deve ser elevado é aéreo. E o que resta no fundo é ardente. Estes dois últimos licores são atribuídos para os dois primeiros princípios, o primeiro para Mercúrio e o último de Enxôfre. Eles são explicados por Paracelso não como elementos, mas como suas partes vitais, sendo, por assim dizer, os espíritos naturais e a alma que por natureza, são em si. Agora, ambos devem ser retificados e refletidos no seu centro com um movimento circular, de modo que esse mercúrio pode ser preparado com sua água sendo mantido claro e odorífero no lugar superior, mas o enxofre deixar por si só. Agora, resta olhar para o terceiro princípio. Deixe a terra reverberar, sendo o chão moído como mármore, embeber sua própria água que permaneceu após a última separação entre os licores feitos em banho-maria, para que isso seja a quarta parte do peso da sua terra e ser congelado pelo calor das cinzas em sua terra. Deixe isto ser feito tantas vezes, a proporção que está sendo observada, até que a terra tenha embebido toda a sua água. E, finalmente, deixar esta terra ser sublimada em um pó branco, tão branco quanto a neve, sendo o resíduo lançado fora.

Esta terra, sendo sublimada e liberta da sua obscuridade, é o verdadeiro caos dos elementos, pois contém essas coisas ocultas, ver que é o sal da natureza em que se encontra escondido, como se fosse, em seu centro. Este é o terceiro princípio de Paracelso e o sal, o que é a matriz, em que os dois antigos espermas, isto é o homem e a mulher, os pais do homúnculo, isto é, o mercúrio e enxofre são para ser colocados e fechado juntos em um útero com vidro fechado com selos de Hermes para a verdadeira geração do homúnculo provenha a partir de embrião espagírico. E este é o homúnculo ou o grande arcano, chamado o medicamento nutritivo de Paracelso. Este homúnculo é de tal virtude que atualmente depois é tomado pelo corpo e trans-

formado em sangue e espíritos. Se então as doenças mortais porque elas destroem os espíritos, que doença mortal pode suportar tal medicamento que logo repara e fortalece os espíritos. Com este medicamento, conseqüentemente, enquanto as doenças são superadas e expelidas, assim também, a juventude é renovada e os cabelos cinzentos são impedidos de aparecer.

A ARTE DA DESTILAÇÃO

A destilação (do latim *destillatio*) com base alquímica era um processo de purificação e de transformação das substâncias utilizadas. Normalmente, um líquido num balão em ebulição, o vapor arrefecido era recolhido e condensado num vaso. A destilação também podia ser realizada como um processo em estágios múltiplos, em que um aparelho de destilação de cascata era ligado em série.

Para os alquimistas dois métodos de destilação eram diferentes em uso: A destilação ascendente (*destillatio ascensens*): aplicado às substâncias que emitiam vapores ascendentes “puros e sutis”; o vinho seria um bom exemplo desta substância, que na destilação desprendia o álcool e a destilação descendente (*destillatio per descensum*) aplicado às substâncias ricas em “umidade fleumática”, especialmente indicado na obtenção de azeites essenciais; ou então a destilação por simples filtração dos líquidos (wiki.anthroposophie.net/Destillatio).

Em relação às fontes de calor, eram utilizadas: a “de soli destillationem” aproveitando os raios solares com a ajuda de lentes; “de panis destillationem” pelo calor produzido na fermentação da massa de trigo e “fumi equini destillationem” com o uso de esterco de cavalo cuja putrefação produzia calor (sendo a mais usada pelos alquimistas); “balneum mariae” ou banho-maria; “per cinerum” e “per arenam” banhos de cinzas ou areia para alcançar altas temperaturas e “per ignem” por fogo direto.

Geralmente os alquimistas utilizavam para destilação o Alambique, a maioria de cobre, que consistia geralmente de uma caldeira de vapor, com um chapéu de destilação em anexo e conectado a um bico ou tubo e, possivelmente, um refrigerador. Em casos especiais, foi depois introduzido entre caldeira e o chapéu uma coluna cheia com diferentes materiais de retificação, através do qual o fluxo de vapor era inibido pelo forte refluxo e uma melhor separação era conseguida. No alambique hermeticamente fechado e cercado por estribe de cavalo, frequentemente era circulado em um frasco fechado, como o Pelicano para a circulação. Para isso também era utilizada ocasionalmente a *formica destillatio* ou destilação no formigueiro, quando o recipiente de destilação hermeticamente fechado durante pelo menos 14 dias era enterrado num formigueiro.

Os alquimistas concebiam a destilação não apenas um processo físico, mas também um processo de conversão espiritual em que, durante a evaporação o espírito da matéria tornava-se renovado na condensação. Por isso, era considerado basicamente um caso de morte e renascimento do espírito no mundo material.

A destilação por alambique é uma técnica muito antiga, usada pelos chineses há 3.000 anos a.C. Até o século VI d.C, os árabes na Europa introduziram a técnica da destilação. Alquimistas e monges medievais progressivamente melhoraram a técnica e o equipamento de destilação. Em 1250, o médico e alquimista Arnau de Vilanova (c. 1238-1311) foi o primeiro a destilar vinhos, ele chamou o produto que resultou deste processo, “eau-de-vie” (água da vida) e atribuiu-lhe a virtude de prolongar a vida. Com seu discípulo Raymond Lulle (1232-1315), foi o primeiro a escrever o tratado sobre o álcool e divulgar receitas de licores curativos.

Em 1500, o médico e alquimista alemão Hieronymus Braunschweig (ca.1450–ca. 1512), publicou o *Liber de arte destillandi* (o livro da

arte da destilação) considerada a primeira obra dedicada exclusivamente ao tema, seguida em 1512 por uma versão muito expandida.



Figura 8: gravura da obra de H. Braunschweig sobre a arte da destilação.

DO GOLEM CABALÍSTICO AO HOMÚNCULO DE PARACELSO

A criação do homúnculo foi mencionada pela primeira vez por Simon Magus, seguido de Arnau de Vilanova, Agrippa von Nettesheim, Robert Fludd e Paracelso. O desejo de sua criação pode ter

servido a diversos desígnios, tais como a proteção dos homens como o golem na lenda judaica, ou o desígnio de transgredir os limites humanos. Ou possuir um desejo onipotente de superar as limitações humanas e se tornar um Deus onipotente (LEMBERT, 2004).

O autor cabalista medieval Eleazar de Worms (1176-1239) acreditava poder criar um homem artificial (golem) com uma mistura de letras e práticas mágicas, destinadas a obter determinadas experiências místicas, durante as quais o golem adquiriria vida autônoma.

Se Deus criou o cosmos mediante o pensamento e o verbo com suas letras e números, o homem poderia ser possuidor dos meios e realizar toda uma série de prodígios, obviamente em menor escala, mas que modificariam a natureza interior. Neste sentido, o ser humano sabedor das leis e escrituras, poderia gerar criações artificiais com a combinação adequada dos 72 signos alfabéticos do nome de Deus, seguindo as instruções do livro cabalístico de Yetsira (CHINCHILLA-SÁNCHEZ, 2001).

Nos ensinamentos de Eleazar de Worms no ritual do golem, tomava-se a terra não trabalhada da montanha amassada em água corrente e moldar-se-ia com ela uma figura humana. Sobre cada um dos membros do corpo do boneco se pronunciariam as consoantes que prescreve o livro Sefer Yetsira. Finalmente, se escreveria na argila do futuro indivíduo um dos nomes secretos de Deus e a matéria informe do golem se animaria de vida.

O princípio mítico da criação de uma entidade artificial não é originário da cabala medieval, remonta as mais antigas tradições judaicas, com base no livro de Gênesis (1, 24): “Disse Deus: produza a terra animais viventes em cada gênero, animais domésticos, répteis e bestas silvestres da terra, segundo as suas espécies. E assim foi feito”. Os cabalistas interpretaram aqui a confirmação indireta da possibilidade real de uma animação da matéria morta, não havendo recebido o

hálito inicial da vida. Por sua parte, os tradutores da Bíblia inseriram a denominação de “golem” ao mesmo Adão, antes que lhe fosse insuflada a alma e, principalmente, antes que falasse.

Posteriormente as prescrições de Eleazar de Worms, a “fórmula” se multiplica sobre a geração do golem. Mas com o passar do tempo, a qualidade da ideia do homúnculo experimentou uma mudança notável. A partir de um certo tempo, a criação de um ser artificial deixou de ser uma perícia levada a cabo por pessoas piedosas, que recorriam sempre a ajuda de Deus, para constituir-se num puro e simples ato de magia negra assistido pelo diabo (CHINCHILLA-SÁNCHEZ, 2001).

Outra característica das novas “receitas” era a necessidade, cada vez maior, da ajuda de técnicas mais ou menos sofisticadas. Assim, desde o século XV, o enlace entre a Cabala e a Alquimia teve em Paracelso seu melhor expoente, no intento mais audaz das ciências ocultas na geração do homúnculo.

Mais tarde, no século XVII, ao contrário das antigas representações judaicas, a imagem do golem é desviada para ameaçadora e maligna. O homem artificial se vê dotado de uma energia excepcional, sendo capaz de causar grandes calamidades e possuir a força para destruir o universo. Esta concepção, como ligeiras variantes, perdura até os dias de hoje (CHINCHILLA-SÁNCHEZ, 2001).

Além de Paracelso, um outro alquimista que tentou criar homúnculos foi Johann Konrad Dippel (1673-1734), que experimentou fecundar ovos de galinha com sêmen humano e tapar o orifício com sangue de menstruação.

No entanto, também é possível que o homúnculo seja uma alegoria, uma interpretação muito literal das imagens alegóricas alquímicas respeitantes à criação, pela arte, de novas entidades minerais, sejam elas objetivos finais ou intermédios. Essas imagens comportam, muitas vezes, a representação de um ser emblemático, humano,

animal ou quimérico, numa retorta. Provavelmente é este conceito alegórico usado no “famoso arcano” descrito por J. French.

Relacionado ao segundo significado do termo homúnculo, mencionado por J. French, numa célebre passagem da obra *De natura rerum* (1537), Paracelso imagina a possibilidade de um ser humano criado artificialmente:

Tem-se discutido muito a ideia de que a natureza e a ciência nos teriam proporcionado meios para criar um ser humano sem a interferência da mulher. Quanto a mim acho que isto é completamente possível e não é contrário às leis da natureza. Dou aqui as normas que deverão ser observadas para que se atinja esse objectivo. Põe-se num alambique a porção suficiente de sémen humano, sela-se o alambique e este é conservado durante quarenta dias à temperatura semelhante à que prevalece no interior dum cavalo. Ao fim deste prazo, a semente humana começa a crescer, a viver e a mover-se. Já então deve possuir forma humana, embora pareça transparente e imaterial. Durante mais quarenta semanas, deve ser cuidadosamente alimentado com sangue humano e guardada no mesmo local aquecido. Torna-se então uma criança viva, com todas as características de um recém-nascido de mulher, porém menor. A isso se dá o nome de homúnculo. Deve ser tratado com todo o cuidado, até crescer o necessário e começar a evidenciar sinais de inteligência (PARACELsus, 1999).

Newman (2005) apresenta uma outra versão da sua descrição, afirmando que possivelmente trata-se de um texto reelaborado a partir dos escritos de Paracelso:

Para levar a cabo essa empresa, é preciso proceder assim. Deixar a semente de um homem apodrecer em uma cabaça durante quarenta dias ou, no mínimo, até que comece a viver, a mover-se, a agitar-se. No fim deste tempo, será, em certa medida, semelhante a um ser humano, ainda que transparente e sem corpo. Se a partir deste momento for nutrido diariamente, e alimentado prudentemente com arcano de sangue humano e mantido, durante quarenta semanas, ao calor constante e uniforme de um ventre de cavalo, chega a converter-se em um verdadeiro ser vivo com todos os membros de uma criatura nascida de uma mulher, porém menor. Isso é o que nós chamamos de homúnculo, e tem que ser criado com o maior cuidado e máximo zelo até que cresça e comece a manifestar alguma inteligência. Assim, pois, este é um dos um dos maiores segredos que Deus tem revelado aos homens, mortais e falíveis como são (Newman, 2005, p. 202).

Entretanto, Paracelso em seu *Liber de homunculli* assevera que os animais frequentemente cometem sodomia e o semem empregado na criação do homúnculo se reveste desta mácula original, dando como resultado desta sodomia um ser disforme cujo aspecto causa horror, espanto e desconcerto. Para oferecer veracidade ao seu argumento sustenta que o mulo é o resultado de uma “sodomia” entre um asno e um cavalo, o basilisco procede da união entre um galo e um sapo. Todos estes monstros sodomíticos, derivados de acasalamentos tão díspares, tem algo em comum: a ausência de alma. Assim, clara está a disparidade entre o homem e o homúnculo, o primeiro é uma entidade com alma e o segundo desprovido dela (CHINCHILLA-SÁNCHEZ, 2001).

O CONCEITO PARACELSIANO DE “MÚMIA”

Sobre o uso terapêutico da “múmia”, escreve Paracelso:

O que cura verdadeiramente as feridas é a Múmia, que é a essência mesma do homem [...] Os gregos também conheceram um filtro preparado com sangue, mas não lhe atribuíram uma denominação, assim como os corpos embal-samados, segundo Heródoto e Plutarco. Esta denominação também é desconhecida na língua copta, mas em compensação existe em árabe, quando se refere corretamente às múmias egípcias. A mesma regra domina nas enfermidades internas; assim, a Natureza se defende, podendo curar pó si mesma. A Natureza possui, com efeito, uma indústria certa para sua própria cura que o médico ignora daí o seu papel fica reduzido ao de simples protetor da Natureza.

Paracelso refere-se frequentemente à “múmia”. Os autores medievais deram-lhe diversos significados, o mais importante é o que o identifica como espírito vital que circula no sangue. Os judeus basearam-se nisto para as suas prescrições de preparação das carnes, em cujas composições eram resultantes da coagulação do fluido vital por medicamentos extraídos do sangue humano que chamaram de “múmia”. Já os egípcios empregaram este nome para designar o “nephesh habashar” de Moisés, opinião surgida sem dúvida dos médicos árabes medievais, para os quais os escritos de Moisés eram familiares e que puderam estudar diretamente as tumbas egípcias (LLUESMA-URANGA, 1945).

Na obra *De Subtilitate* (1580) o matemático e médico italiano Girolamo Cardano (1501-1576) escreve: “antigamente a múmia era o sangue fixado no estado sólido, que os egípcios preparavam, aromatizado

com mirra, aloés, cássia, amomum (?) e outras substâncias, o que resultava num remédio soberano para todas as partes feridas, assim como para as entranhas rotas ou machucadas” (CARDANI, 1580).

A partir daí, alguns médicos tiveram a ideia de extrair o medicamento chamado de “múmia”, não do sangue e sim das próprias múmias egípcias pulverizadas, constituindo uma substância que se chamou de “pó de múmia” (século XIII), que se chegou a fazer-se tal uso que os mercadores, ante a escassez de múmias, puseram-se a fabricar falsas múmias feitas com cadáveres de escravos, que durante muito tempo surtiram os mercados europeus (LLUESMA-URANGA, 1945).

Uma prova indireta do valor assinalado deste produto está no elevado direito aduaneiro que chegou a marcar sua entrada em 1664, que escendeu a soma de cem soldos. Apesar de tudo, a falta de clareza dos autores indica bem que careciam de uma noção exata do que era verdadeiramente a múmia, que adquiriu como os “bezoários”, uma fama de medicamento indeterminado e fabuloso (LLUESMA-URANGA, 1945).

Castelli em seu “Lexicon” afirma que a múmia ou “pisapaltum” consiste num certo líquido que se encontra nos sepulcros cujos cadáveres foram conservados durante muitos anos por meio de substâncias aromáticas. De Castelli é também esta rara definição: “a múmia designa o alento que homem são expulsa em sua primeira grande respiração matinal, realizada antes de lavar a boca e que se conserva em um vidro e que se condensa na água fria que contém”.

Michael Toxites (1514-1581) em seu “Onomasticon” (1574) chama de “múmia” a tudo que é morto, tenha a propriedade de curar, como a carne embalsamada ou “sarracênica”, queimada e dessecada sob o sol nas areias dos desertos da Líbia.

Segundo o médico e alquimista belga Gerhard Dorn (c. 1530 – 1584) autor da obra *Dictionarium Paracelsi* (1583) “se chama múmia

não só a carne conservada no bálsamo, mas também a todas as demais coisas que, mortas espontaneamente ou pela violência, são dotadas de virtudes curativas” (DORN, 1583, p.69). Compreensão esta muito próxima a de Paracelso que considerava múmia como um coágulo da matéria pura e sutil que existiria no seio de toda substância orgânica e que encerraria todo o seu espírito vital. Neste sentido, o vinho, o leite e o sangue teriam cada um sua múmia particular correspondente.

Esta terapêutica, não fazia distinção entre magia e ciência, mesclava elementos físicos e espirituais para explicar a causa dos males e recorria tanto aos remédios químicos, quanto a fitoterapia e a zooterapia, incluindo aí os produtos e excreções humanas frescas e cadavéricas. Partindo do pressuposto de que os excretos manteriam parte da vitalidade dos corpos, mesmo depois de mortos (WISSENBACH, 2002). Tais práticas que hoje nos parecem repugnantes, e que às vezes nos fazem rir, não era objeto de nenhuma reflexão por parte dos autores da época, pois não faziam nenhuma distinção no uso de uma planta ou de um animal ou de partes ou excreções humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os medicamentos de 1 a 7 descritos por French constituem-se em substâncias destiladas de produtos e excreções humanas, tendo como pressuposto de que a destilação seria um processo de purificação destes produtos, que geralmente eram usados *in natura* com fins terapêuticos na época.

O medicamento 8, denominado por French de “famoso arcano de Paracelso chamado por ele de homúnculo”, se constitui num texto de difícil compreensão, escrito em inglês do século XVII, baseado em sequenciadas técnicas destilatórias descritas com expressões alquími-

cas, no qual não fazem parte produtos e excreções humanas. Embora que tal medicamento seja denominado por Paracelso de “homúnculo”, esta alusão parece ser alegórica. Como tenta explicar French de que se trata de uma metáfora dos principais alimentos do trigo e do vinho na vida dos homens.

A medicina, considerada como uma das principais ciências ou “artes”, na linguagem da época, adotava a Doutrina das Assinaturas, onde o verdadeiro médico deveria buscar nos reinos vegetal, animal e mineral aquelas substâncias que correspondiam aos corpos celestes (analogia do macrocosmo-microcosmo) e, em última instância, a intervenção do “Criador” (MAGALHÃES; ALMEIDA, 1999).

De acordo com Paracelso, a medicina e a alquimia são artes inseparáveis:

Como poderia eu elogiar aqueles que são médicos e não são ao mesmo tempo alquimistas? Se a arte da medicina fosse encontrada somente entre os médicos, estes não seriam capazes de usá-la, pois, não teriam em suas mãos a chave dos mistérios. Assim, eu só posso elogiar aquele que sabe induzir a natureza a ser útil, ou seja, que seja capaz de reconhecer o que existe escondido na natureza. Pois, o conhecimento e a preparação, ou seja, a medicina e a alquimia jamais devem ser separadas (PARACELUS, 1995).

Segundo Debus (1995), a medicina paracelsiana representou uma reação à tradicional veneração renascentista pela antiguidade clássica. Os primeiros paracelsianos atacavam severamente as doutrinas de Aristóteles e Galeno, e com mais moderação a de Hipócrates. Em troca, buscavam nos textos herméticos, alquímicos e neoplatônicos, recentemente traduzidos na época, o fundamento de um universo

vitalista, da analogia macrocosmo-microcosmo, do ofício divino do médico, e de uma nova interpretação cristã de toda a natureza.

Já a alquimia, *scientia separationis*, permite ao homem separar os corpos, através do fogo, para que os olhos penetrem além da superfície, tornando perceptível aquilo que antes era imperceptível. Deste ponto de vista, a alquimia prolonga e aperfeiçoa o trabalho da natureza e através da arte conduz à perfeição, para benefício do homem, o que a natureza deixou imaturo:

As virtudes que jazem escondidas na natureza jamais seriam reveladas se a alquimia não as houvesse descoberto, tornando-as visíveis [...] A alquimia é uma arte necessária e indispensável [...] Ela é uma arte e Vulcano é seu artista. Quem é um Vulcano domina essa arte; quem não é Vulcano não pode progredir na mesma [...] Todas as coisas foram criadas num estado inacabado, nada está terminado, mas Vulcano deve levá-las à perfeição (PARACELSUS, 1995).

Assim a alquimia pode ser considerada um amplo “programa de pesquisa” renascentista que tinha por fundamento uma concepção mística da natureza, teorias platônicas, neoplatônicas e herméticas, associadas ao humanismo e à literatura clássica que adquiriu sua maior expressão em Paracelso e seus seguidores. Tais estudos expressavam-se em línguas vernáculas e abordando a natureza valorizavam a observação, a experimentação e um marcante interesse pelas matemáticas e pela tecnologia (MAGALHÃES; ALMEIDA, 1999).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. Zooterapia indígena brasileira do século XVII nas obras de Guilherme Piso, Georg Marcgrave e Joannes de Laet. Feira de Santana: **Sitientibus Série Ciências Biológicas** .7 (3): 261-272. 2007.

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. **Aspectos históricos do uso terapêutico de produtos e excreções humanas**. Recife: EDUFRPE, 2012.

BELTRAN, Maria Helena Roxo. **Imagens de Magia e Ciência**: entre o simbolismo e os diagramas da razão, São Paulo: Educ, FAPESP, 2000.

CARDANI, Hieronymi. **De subtilitate**, libri XXI. Lugduni: Apud Stepahnum Michaellem, 1580.

CHINCHILLA-SÁNCHEZ, Kattia. De la cábala al golem mágico. **Filología y Lingüística**, XXVII(2): 7-22, 2001.

DEBUS, Allen George. **Man and nature in the Renaissance**. Cambridge University Press, New York. 14th ed. 1995.

DELAUNAY, Pierre. A biologia humana e a arte de curar. In: TATON (org.). **História geral das ciências**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959, p. 143-158.

DIOSCORIDES. **De materia medica**. Joahanesburg-South Africa: Ibdidis Press. Book II, Living creatures, p.183-362, 2000.

DORN, Gehrard. **Dictionarium Theophrasti Paracelsi**, continens obscuriorum vocabulorum, quibus in suis scriptis passim utitur, definitiones: a Gerardo Dorneo collectum et plus dimidio auctum, Francoforti: Christoff Rab, 1584.

DUARTE, Eustáquio. Introdução histórica, In: ANDRADE, G. O. (org.). **Morão, Rosa e Pimenta: notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1956, p. 175-218

FORBES, Robert James. A short history of the art of destillation from the beginnings up to the death of Cellier Blumenthal. Leiden: E.J. Brill, 1948.

FRENCH, John. The art of destillation, 1651 Disponível em www.levity.com/alchemy/jfren_ar.html - Acesso em agosto de 2012.

GARDNER, Martin. **O umbigo de Adão**. Rio de Janeiro Ediouro, 2002.

LEMBERT, Alexandra. **The heritage of Hermes: alchemy in contemporary british literature**. Leipzig: Galda-Wilch Verlag, 2004.

LLUESMA-URANGA, Estanislau. Notas. In: **Paracelso obras completas (opera omnia)**. Buenos Aires: Editorial Schapire, 1945.

MAGALHÃES, Francisco de Oliveira; ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. Apresentação. In: VALENTINUS, Basilius. **A carruagem triunfal do antimônio**. Recife: Imprensa Universitária da UFRPE, 1999, p.1-15.

NEWMAN, William R. **Promethean ambitions: alchemy and the quest to perfect nature**. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

PARACELSUS. **Selected writings**. Princenton University Press, New York, 1995.

PARACELSUS. **Essential readings**. Selected and translated by Nicholas Goodrick-Clarke. Berkeley: North Atlantic Book, 1999, p.175.

PORTAE, Io Bap Neapolitani. **De destillatione**. Lib IX. Roma: Ex Tipographia Rou. Camarae Apostolica, 1608.

REY BUENO, Mar; ALEGRE PÉREZ, Maria Esther. Los destiladores de Su Majestad. Destilación, espagiria y paracelsismo em la corte de Felipe II. **DYNAMIS**. Acta Hisp. Med. Sci. Hist. Illus. 2001, 21, p. 323-350.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil - Colônia. *In*: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário mineral**, organização Júnia Ferreira Furtado, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p.107-149.

**Editora
Universitária
da UFRPE**

Diretor **Bruno de Souza Leão**

Equipe Amanda de Araújo Oliveira
 Cláudio José Sales de Oliveira
 David Félix da Mota
 Elizabeth Henrique Delgado
 Fernando Antonio R. Leite
 Henrique Tavares de Oliveira
 Inácio Mendes de Souza
 José Ernandes de Castro
 José da Silva Figueiredo
 José Ronaldo Dias Magalhães
 Josuel Pereira de Souza
 Juscelino Odilon de Sousa
 Luciano Feitoza Frazão
 Manoel Batista da Costa
 Miquéas de Oliveira
 Nelson Camilo de Melo